



Escrever, você escuta  
alguma coisa.

Comecei a escrever sozinho.

Coloco no que escrevo  
o meu mundo.

Nós temos de trabalhar  
com os materiais da vida.

Mas eu me reconheço  
em todos os livros.

Ler e escrever parte de  
uma necessidade,  
nada mais que isso.

A leitura precede  
a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante  
é a minha relação  
com a escrita.

"Daqui a três anos,  
Antônio vai morrer.

Por enquanto ele não sabe que  
já nasceu velho  
e que em pouco tempo

esgotará o que  
de humano ainda carrega.

Alimenta a ilusão de que sempre  
há algo para ver

e acha que viver é  
especializar-se no erro.

Reconhece que se casou com a  
mulher errada, perdeu quase  
tudo em acasos infelizes

e deu mais aos outros do que  
estes mereciam.

Mas insiste em ser bom,  
já que nada lhe é mais temível  
do que o suposto inferno  
do depois.

Antônio tem três filhos: duas  
moças e um menino.

Prevê que uma das filhas  
escreverá sua história  
mesmo sabendo

que ela não será capaz de dizer  
exatamente tudo o que o define.

O filho chorará sua ausência,  
sem pudor,

e adotará a tristeza  
como uma espécie de virtude.

A outra filha nunca o perdoará  
pelo amor que deu à primeira.

E sua mulher o alimentará com  
maçãs ligeiramente ácidas

minutos antes de ele partir e  
o sol se por."

Descobri a literatura ainda  
muito jovem.

Eu tinha por volta de 13 anos  
quando eu comecei a escrever.

Antes disso, eu já tinha um

gosto especial pelo ato de  
contar histórias,

pela leitura, fui alfabetizada  
muito cedo.

Eu sempre gostei de inventar  
histórias, desde cedo.

Simultaneamente, eu senti  
necessidade também

de ter um público para ouvir  
as histórias que eu inventava.

Aos 15 anos eu já tive uma  
experiência com  
a prosa de ficção,

porque eu escrevi uma novela  
cujos capítulos  
foram publicados

no jornal de Patos de Minas,

cada mês saía um capítulo,

e era uma novela toda passada  
no mundo árabe,

com direito a camelos,  
sultões, princesas,

e isso muito motivada pela  
leitura que eu tinha feito de  
"Mil e Uma Noites".

Que foi realmente a grande  
obra de referência para minha  
formação literária,

no campo da narrativa.

Escrevi muito durante essa  
adolescência em Patos de Minas,

publicava nos jornais  
da cidade,

mas o meu primeiro livro de  
poesia só foi publicado em 1984

quando eu já estava morando  
em Belo Horizonte.

Eu descobri a literatura,  
em um primeiro momento,  
com a poesia.

Através da poesia eu ingressei  
de forma mais efetiva no mundo  
da literatura, da escrita.

Minha grande paixão, primeira,  
foi Drummond,

embora já tivesse tido contato  
também com a poesia  
da Cecília Meireles.

Aliás, lembro que nos meus  
primeiros anos de grupo escolar

eu já aprendia a recitar poemas  
da Cecília, aqueles dos  
tamanquinhos,

então a Cecília tem um peso  
para mim, sobretudo,  
na minha infância.

Agora o Drummond

me levou de uma maneira  
mais intensa

para esse território poético.

E com ele aprendi muita coisa,

tentei imitá-lo  
durante algum tempo.

Quando eu era criança,

eu passei a colecionar vidros  
vazios de remédio,

que minha mãe tomava muitos  
remédios, então eu resolvi  
pegar esses remédios,

esses vidros, e montar uma sala  
de aula e dar aula para eles.

Colocava um quadro negro,  
dava nome para cada vidro.

Eu tinha acabado de entrar no  
jardim de infância,

estava fascinada pela ideia de  
sala de aula, pela ideia de  
quadro negro,

de professora ensinando alguma  
coisa com aquele ambiente,

então eu quis reproduzir isso  
na minha casa  
com esses vidrinhos

e logo depois eu comecei a  
contar histórias para  
eles também.

Então essas duas atividades  
surgiram quase simultaneamente  
na minha vida

e me impulsionaram para esse  
curso de letras,  
era inevitável.

Atividade professora não se  
dissocia necessariamente

da minha atividade  
como escritora,

acho que uma potencializa  
a outra.

Dentro desse espaço do ensino

eu consegui também,

criar um reduto para o  
exercício da criação.

Na universidade eu tento,  
de alguma maneira,

exercer, exercitar  
uma certa criatividade.

Nos ensaios que escrevo,  
mesmo em sala de aula,

acho que é importante esse  
jogo da reflexão e da  
imaginação.

Vida acadêmica exige  
um tempo muito grande,

exige uma  
dedicação quase que exclusiva.

Eu dou aulas, eu oriento  
alunos de graduação  
e pós-graduação,

participo de congressos,  
de bancas, faço relatórios,

participo de reuniões, enfim,

tenho que publicar muito também,

trabalhos acadêmicos, então,  
isso tudo realmente

exige uma dedicação  
quase que exclusiva.

Então eu tenho que criar um  
espaço para o exercício  
da criação,

dentro de todas essas demandas.

Eu gostaria de poder me voltar  
mais para o trabalho criativo.

Eu gosto das duas coisas,  
eu gosto de escrever artigos,

eu gosto de dar aulas,  
eu gosto de pesquisar,

e gosto muito de escrever,  
de criar.

Quando estou mais disponível,

quando posso realmente me dar  
o luxo de ao mesmo tempo

escrever ensaios e escrever  
minhas narrativas

e meus poemas,

eu distribuo meu tempo da  
seguinte maneira,

de manhã para reflexão,

para o trabalho da pesquisa,  
e a noite é para criação.

Até falei isso para o  
jornalista ontem, do tempo,

de preferência com uma taça  
de vinho.

Porque o vinho me estimula  
a imaginação.

Eu gosto muito de escrever  
à noite,

ao som de músicas e com  
uma taça de vinho.

Digo que os ruídos do dia,  
os ruídos da casa,

os latidos da minha cachorrinha,

as chamadas telefônicas,  
os assédios rotineiros,

nada disso interfere,  
nada disso me atrapalha.

Geralmente, se eu escrevo  
um capítulo da minha ficção  
à noite,

geralmente, assim que acordo,

eu retomo o que escrevi para dar  
uma burilada,

para tirar os excessos do  
álcool, do vinho.

Os excessos do vinho.

Então de manhã eu geralmente  
releio o que escrevi,

aparo as sobras

e me ponho  
a pensar no que virá depois.



Agora, os artigos acadêmicos,

geralmente escrevo  
durante o dia.

Esses demandam uma lucidez  
mais em vigília.

Creio que esse trabalho,  
esse ofício da palavra,

é um ofício que demanda  
paciência, tempo, dedicação.

Nunca fui motivada

por interesses de fama  
ou de grandes vendas.

Para mim o mais importante é  
a minha relação com a escrita  
e com meus leitores.

Claro que todo escritor quer  
ser reconhecido, quer ser lido  
por mais gente.

Foi uma grande surpresa ter  
sido aceita pela editora,

foi um presente, uma dádiva,  
um prêmio.

Fui depois indicada  
a vários prêmios,

já me sinto premiada por estar  
nessas listas,

ao lado de autores  
que muito admiro,

autores que são referência  
para meu trabalho.

Então tudo isso, hoje,  
para mim,

me deixa num estado radiante.

O fato de ter sido publicada  
pela Companhia das Letras,

de ter sido indicada a todos  
estes prêmios e, sobretudo,

por receber dos leitores um  
retorno muito gratificante.



O problema do gênero,  
do "O Livro dos Nomes",  
é complicado,

porque muitos críticos  
e leitores

não consideram um romance,

ao contrário de outros que já  
reconhecem essa configuração

romanesca do livro.

Isso faz parte do jogo,

quando eu compus essa estrutura,

quando eu pensei nessa estrutura  
e a levei adiante,

eu já esperava que

pudesse causar  
algum tipo de confusão

no processo de classificação  
da obra.

Me interessa muito essa ideia  
do inclassificável,

me interessa muito os jogos  
de classificação,

aquilo que se furta  
às categorias.

Eu sempre fui fascinada por  
obras que têm esse traço.

Mesmo recentemente, na  
literatura contemporânea

eu encontro alguns autores  
que buscam se desviar

desse formato  
rígido dos gêneros literários.

O Jorge Luis Borges, que  
misturou contos, ensaios,  
poemas

e brincou muito com esses  
limites dos gêneros,

então eu quis de alguma maneira  
seguir um pouco essa trilha

ao compor "O Livro dos Nomes",  
o que não significa  
que eu não tenha

apreço pelo romance, romance,

com uma narrativa contínua  
e linear.

Tenho, sim,

grandes referências  
literárias na minha vida

são de escritores que foram  
romancistas plenos.

Penso que meu estilo é um  
estilo híbrido,

minha escrita está atravessada

ao mesmo tempo  
por uma dicção poética,

por um traço narrativo,

um traço reflexivo,

e também um  
traço de oralidade,

porque gosto muito de  
aproveitar casos,

depoimentos, frases,

pensamentos que circulam  
entre as pessoas,

falas da minha região,

então eu tento

cruzar isso tudo  
na minha linguagem.

Foi um processo mesmo,  
porque antes eu  
escrevia poemas, poemas.

Contos, contos.

Hoje eu mesclo tudo.  
Hoje eu misturo esses registros.

E acho que é essa mesclagem  
que define hoje meu estilo.

Encontrei um viés  
para minha escrita.

Já tentei escrever  
um romance linear.

Pensei em seguir um viés  
cronológico, mas não consegui,

porque isso faz parte  
do meu estilo,

dá um certa ideia  
de montagem,

isso está muito presente no que  
faço, na maneira que escrevo,

então não adianta eu forçar a  
barra para escrever  
um romance linear

para depois ser transformado  
em um roteiro de filme,

ganhar muito dinheiro com isso,  
porque, realmente,

um trabalho como esse  
não vai muito longe.

Há um reconhecimento de certa  
forma até limitado,

mas em termos comerciais  
não é um livro

que tenha uma difusão  
muito grande,

que tenha muitos leitores.

Eu tenho a sensação  
de que eu consegui, pelo menos,  
motivar as pessoas  
em algum momento.  
Agora, isso não justifica  
que eu me dê por encerrada,  
por completa na  
minha trajetória,  
muito pelo contrário, cada vez  
que releio "O Livro dos Nomes",  
percebo que poderia ter ido  
muito mais longe,  
me vem ideias, mais  
possibilidades até de expansão  
desse livro.

Eu sempre vivi num estado de  
desassossego,  
sempre muito interessada  
em tudo à minha volta,  
interessada nas artes em geral  
e procurei de alguma maneira  
aliar minha atividade principal  
no campo da literatura  
com esses outros interesses,  
com essas outras atividades  
tão fascinantes para mim.

Como professora eu tive  
oportunidade,

então dentro do campo de  
literatura comparada,

de estabelecer esses  
cruzamentos,

da literatura com o cinema,  
com as artes plásticas,

tangenciei em um determinado  
momento a psicanálise, mas não  
é minha linha de força.

Essa necessidade de estar em  
trânsito é inerente a mim.

Eu tento, de alguma maneira,

conjuguar isso tudo,  
na medida do possível.

Todo desassossego que se preze  
tem que ser "pessoano",

foi Fernando Pessoa que nos  
deu essa lição,

do desassossego capaz de

provocar os sentidos e a  
imaginação.

E é claro que no ato de  
escrever, de criar personagens,

de criar várias narrativas,  
várias vidas,

eu exercito mesmo aquilo que o  
Pessoa ensinou,

que é esse ato de se  
multiplicar em outros,  
de se "outrizar",

para construir uma personagem  
convicente

é necessário que o  
autor entre na pele desse outro,

sinta aquilo

que ela poderia sentir

se existisse de verdade.

Então o processo de escrita,  
de criação de personagens

é um processo "pessoano",  
inevitavelmente,

eu aprendi muito com o Pessoa  
nesse sentido, é um exercício  
de "outridade".

Eu tenho um grande apreço  
pelos animais,

isso vem também da minha  
infância,

sempre convivi com bichos,

tenho uma relação amorosa  
com eles,

e agora,

de "Zenóbia" para cá,  
eu tenho procurado trazer  
à tona esse amor,

esse interesse, essa afeição  
pelos animais.

Isso tem a ver também com uma  
pesquisa que eu tenho realizado



no campo acadêmico.

Eu sempre procuro conjugar  
as minhas pesquisas acadêmicas  
com meu trabalho criativo,

porque assim eu  
posso aproveitar

a pesquisa para as duas coisas.

Para reflexão e criação.

"O Livro dos Nomes" e o  
"Livro de Zenóbia" tem a ver

com a minha pesquisa sobre

catálogos e enciclopédias,  
inventários, coleções,  
listas, etc.

E esses textos zoo-poéticos,

zoo-narrativos,  
têm a ver também

com essa pesquisa que tenho  
realizado sobre animais  
na literatura.

Mais do que nunca, hoje, eu me  
preocupo com essa questão.

Porque é uma questão que não  
passa apenas pela literatura,  
pelos símbolos,

pelas alegorias,  
pelas metáforas,

mas passa também  
por um viés ético,

de preocupação com a condição  
dos animais no mundo,

na relação dos humanos  
e não humanos,

então agora eu tento investigar

a maneira como escritores

de várias procedências

hoje lidam com essa  
questão dos animais,

como eles trazem os animais  
para sua literatura.

Já completei uma primeira etapa  
dessa pesquisa,

até publiquei um livro, chamado  
"O Animal",

e agora estou mais concentrada  
na literatura brasileira.

Então tenho estudado Clarice,

Guimarães Rosa, Drummond,

alguns autores contemporâneos  
como Wilson Bueno, Nuno Ramos,

que têm o que eu chamo de  
zooliteratura, que fazem  
zooliteratura.

"Lídia, quando menina, gostava  
de sentar à beira do rio para  
ver os peixes esquivos.

Dia após dia, neles via sempre  
a mesma vida, o mesmo

desassossego,

como se para eles repetir o  
movimento fosse uma espécie  
de estilo.

Isso a surpreendia.

Por que aos peixes não era dado  
o fastio?

Lídia, que ainda sente por eles  
certo fascínio,

hoje responderia dizendo que  
as coisas, por mais repetíveis,

contêm cada uma um rio,  
subterrâneo ou de superfície.

Ou seria um ritmo?

Seja o que for, é isso que  
garante a elas uma dose de  
imprevisto.

Alias, toda a história de Lídia  
se resume mais ou menos  
neste mínimo:

por mais que ela busque a ordem  
dos peixes, algo a desvia."

